

## EDITORIAL

### VAMOS COMEMORAR!!!!!!

Olá, Pessoal!!! Tem novidades no ar!!! Estamos muito felizes.

Estamos lançando mais uma edição do Boletim do Centro de Economia e Estatística Aplicada – CEEA. Com esse número, estamos iniciando o segundo ano de nossa publicação e com uma notícia auspiciosa: passamos a contar a partir dessa edição, com as charges do José Arthur Fiuzá. Legal, né!!!!

O CEEA é resultante do Projeto de pesquisa de preços, financiado com recursos do **edital do ProPIC 2015/16**, para produção do índice de inflação designado IPC/FUMEC. Esse Índice indica a evolução do custo de vida ou padrão de vida dos alunos, funcionários e professores da Faculdade de Engenharia e Arquitetura (FEA) - Universidade FUMEC.



## EXPEDIENTE

Boletim CEEA

Centro de Economia e Estatística  
Aplicada - CEEA

**Produção:** Equipe de pesquisa de preços

**Editor/Coordenador:**

Prof. José Henrique da Silva Júnior

**Colaborou nesse número:**  
Prof<sup>a</sup>. Ana Paula Venturini

**Bolsistas:** Maria Eduarda, Iane Reis e  
Pedro Brant

**Contatos:**  
[centrodeeconomiaeestatistica@fumec.br](mailto:centrodeeconomiaeestatistica@fumec.br)

## APRESENTAÇÃO

Nessa edição, o **Boletim do CEEA** traz uma análise atualizada da conjuntura econômica brasileira, considerando os principais indicadores econômicos, de mercado e cotações. Com recados claros para o mercado financeiro, governo e Congresso Nacional, o Banco Central (BC) afirmou que não pode cortar juros neste momento, apesar da recessão econômica. A ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) aponta para um período maior de taxa básica em 14,25% ao ano. Nela, os dirigentes da autoridade monetária disseram que não há espaço para um alívio na política de controle inflacionário porque as expectativas para os preços — feita pelos analistas — ainda estão muito longe da meta de 4,5%. Frisaram também que a velocidade do processo de desinflação depende da aprovação das medidas de controle de gastos enviadas ao Legislativo.

Por outro lado, segundo analistas do IPEA, em sua Carta de Conjuntura, não obstante o quadro geral relativo à atividade econômica continuar sendo caracterizado pelo ciclo recessivo iniciado no segundo trimestre de 2014, já há indícios de que o início da recuperação pode estar mais próximo. Se, por um lado, o elevado grau de disseminação e intensidade da queda da atividade econômica lhe confere um caráter resiliente, por outro, afirmam os analistas, o desempenho recente de alguns indicadores sugere que a crise começa a perder fôlego. Dentro deste contexto, os primeiros sinais deste possível início de recuperação cíclica têm se concentrado na indústria. Isso significa dizer que, há perspectiva de estabilização da atividade econômica no curto prazo. Há sinais: o investimento e a produção industrial pararam de cair. São vistos alguns sinais “incipientes” de melhora nas perspectivas da atividade econômica apesar de a economia seguir com nível elevado de ociosidade tanto na estrutura das indústrias quanto no desemprego.

Em relação a indústria da construção, o Índice de Confiança da Construção (ICST) subiu 2,7 pontos em julho, atingindo 70,7 pontos, o maior desde agosto de 2015 (72,4 pontos). Esta foi também a primeira vez desde novembro passado em que houve alta tanto do indicador que mede a situação corrente quanto do indicador de expectativas de curto prazo. O resultado sinaliza uma melhora da percepção dos empresários, embora o nível de confiança ainda seja muito baixo em termos históricos. As indicações de retomada de obras paradas e de novas contratações nos programas governamentais, assim como as perspectivas mais positivas para a economia, reduziram o pessimismo setorial”, observou Ana Maria Castelo, Coordenadora de Projetos da Construção da FGV/IBRE.

## A CONJUNTURA ECONÔMICA

De acordo com os analistas do IPEA, em sua Carta de Conjuntura, “a economia brasileira apresenta alguns sinais de que o atual período recessivo poderia estar chegando ao fim, apesar de os indicadores coincidentes sugerirem que o PIB continuou a cair no segundo trimestre – após acumular uma queda de 7,1% de meados de 2014 até o primeiro trimestre de 2016”. Segundo os analistas, após quedas tão expressivas da produção e da renda, que resultaram na abertura de um grande hiato entre o PIB e o produto potencial (estimado em 6,4%), a grande questão que se coloca agora é o que fazer para restaurar a confiança dos agentes econômicos. A realização de reformas que levem as contas públicas para uma trajetória sustentável no médio prazo seria um passo importante nesta direção e poderia, até mesmo, viabilizar o afrouxamento da política monetária. Ainda segundo a análise, a reversão desse resultado negativo não ocorrerá da noite para o dia e dependerá, no médio prazo, de mudanças constitucionais e de regras infraconstitucionais que visem dar maior flexibilidade aos gastos públicos, aumentar a eficiência destes gastos e que levem em consideração os efeitos fiscais da rápida transição demográfica pela qual o país está passando.

Por outro lado, para a FGV, não obstante o quadro geral relativo à atividade econômica continuar sendo caracterizado pelo ciclo recessivo iniciado no segundo trimestre de 2014, já há indícios de que o início da recuperação pode estar mais próximo. Se, por um lado, o elevado grau de disseminação e intensidade da queda da atividade econômica lhe confere um caráter resiliente, por outro o desempenho recente de alguns indicadores sugere que a crise começa a perder fôlego. Dentro deste contexto, os primeiros sinais deste possível início de recuperação cíclica têm se concentrado na indústria.

Por outro lado, em 2016, as condições do mercado de trabalho permaneceram em ritmo acelerado de deterioração. A taxa de desemprego alcançou 11,2%, 3,2 pontos percentuais acima do observado no mesmo período do ano anterior. O setor populacional mais atingido pelo desemprego foram os jovens entre 14 e 24 anos tanto em termos absolutos como em termos relativos.

## INFLAÇÃO

De acordo com nota divulgada pelo IBGE, a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acelerou para 0,52% em julho, após se situar em 0,35% um mês antes. Esse resultado contraria as previsões do mercado que apostava numa queda. No ano, o IPCA acumula aumento de 4,96%, abaixo dos 6,83% registrados em igual período do calendário anterior. Nos 12 meses até julho, o avanço de 8,74% ficou abaixo da taxa apurada nos 12 meses imediatamente anteriores, de 8,84%. Com 65% de participação no IPCA do mês, o grupo alimentação e bebidas registrou a mais elevada variação para os meses de julho desde 2000, quando a alta atingiu 1,78%. Em julho de 2016, inflação de alimentos e bebidas chegou a 1,32%. O leite foi a principal contribuição individual para a formação do IPCA do sétimo mês de 2016. A contribuição do produto, que subiu 17,58% em julho, foi de 0,19 ponto percentual (37%) na formação do índice de preços. A segunda contribuição mais forte para o IPCA foi o feijão-carioca. Com aumento de 32,42% no mês, o grão contribuiu com 0,13 ponto percentual para a inflação do mês. Outros tipos de feijão também mostraram aumentos em julho. Entre os produtos que ficaram mais baratos de um mês para o outro, destacam-se a cebola, com -28,37% e a batata-inglesa, cujos preços caíram 20%. A carne também está na contramão dos aumentos e não vem causando pressão sobre a inflação. A redução foi de 0,69% no mês. Veja a seguir, o comportamento da inflação no Brasil, segundo o IBGE:

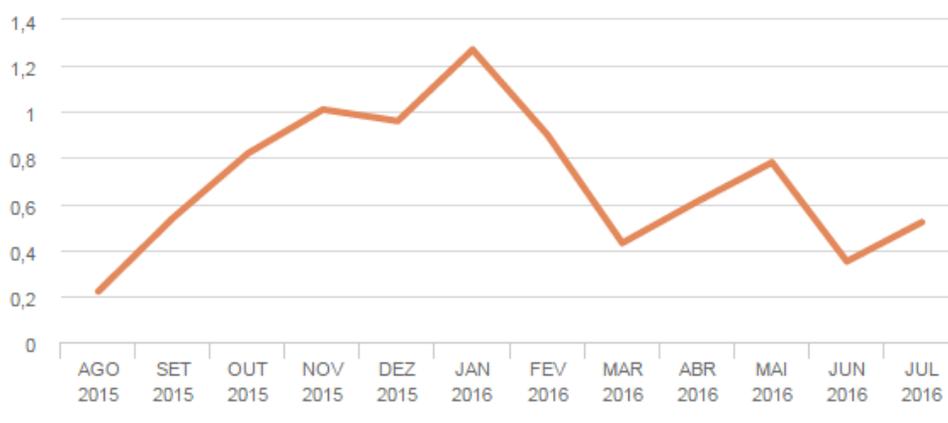
Grupo	Variação (%)	
	Junho	Julho
<b>Índice Geral</b>	<b>0,35</b>	<b>0,52</b>
Alimentação e Bebidas	0,71	1,32
Habitação	0,63	-0,29
Artigos de Residência	0,26	0,53
Vestuário	0,32	-0,38
Transportes	-0,53	0,40
Saúde e Cuidados Pessoais	0,83	0,61
Despesas Pessoais	0,35	0,70
Educação	0,11	0,04
Comunicação	0,04	0,02

Fonte: IBGE

Região	Peso Regional (%)	Variação (%)	
		Junho	Julho
Salvador	7,35	0,33	0,92
Goiânia	3,59	0,39	0,81
Recife	5,05	0,32	0,79
Campo Grande	1,51	0,45	0,74
Belém	4,65	0,52	0,73
Fortaleza	3,49	0,32	0,65
Belo Horizonte	10,86	0,66	0,63
Vitória	1,78	0,32	0,57
Porto Alegre	8,40	-0,02	0,57
Brasília	2,80	0,11	0,53
Rio de Janeiro	12,06	0,38	0,50
São Paulo	30,67	0,41	0,33
Curitiba	7,79	0,09	0,10
<b>Brasil</b>	<b>100,00</b>	<b>0,35</b>	<b>0,52</b>

Fonte: IBGE

### Varição mensal do IPCA (em %)



### ATIVIDADE ECONÔMICA

A retração da economia dá sinais de acomodação nas cinco grandes regiões do país, afirma o Banco Central no Boletim Regional, documento trimestral divulgado esta manhã. Embora a atividade venha mantendo neste ano a trajetória recessiva iniciada em 2014, nos meses mais recentes os impactos negativos desse cenário apresentam relativa acomodação, evidenciada pelos principais indicadores econômicos, diz o documento. “No mesmo sentido, o desempenho dos índices de confiança de consumidores e empresários, registaram recuperação importante no trimestre encerrado em maio – disseminada nas cinco regiões geográficas do país – que sugerem perspectivas mais favoráveis para a economia do país nos próximos trimestres”, diz o BC em seu boletim.

Como contrapartida da melhora geral da economia, a Itaú/BBA manteve a projeção de PIB para 2016 e 2017. Os indicadores antecedentes de atividade econômica sugerem uma recuperação mais rápida do que prevemos. No entanto, a perspectiva de manutenção da taxa de juros no patamar atual por mais tempo tende a inibir uma recuperação da demanda no curto prazo. Dessa forma, manteve-se a projeção de queda de 3,5% do PIB em 2016. Para 2017, continuam a estimar expansão de 1,0%.

### DEFICIT PÚBLICO

Segundo a Itaú BBA, o governo enviou ao Congresso a reforma constitucional que limita o crescimento anual dos gastos públicos à variação da inflação do ano anterior. A medida é importante, pois permite reverter a tendência de aumento real dos gastos públicos observada nos últimos 20 anos. Entretanto, afirma a Instituição, para que o limite de gastos seja viável, uma reforma da Previdência é fundamental. Uma reforma que aumente a idade mínima e desvincule os benefícios do salário mínimo, diminuiria o ritmo de aumentos reais dessa despesa, aliviando a necessidade de cortes no restante do Orçamento. Acredita-se que essas duas medidas representem importantes reformas estruturais da economia brasileira e que, em conjunto, sejam capazes de reverter a dinâmica de deterioração das contas públicas. Com o teto para o crescimento do gasto público e a reforma da Previdência, estima-se que a dívida pública possa ficar abaixo de 80% do PIB e passar a cair até 2025.

## **EMPREGO**

No primeiro trimestre de 2016, as condições do mercado de trabalho permaneceram em ritmo acelerado de deterioração. Conforme dados do IBGE, a taxa de desemprego alcançou 11,2%, 3,2 pontos percentuais acima do observado no mesmo período do ano anterior. São mais de 12 milhões de pessoas desempregadas. O setor populacional mais atingido pelo desemprego foram os jovens entre 14 e 24 anos tanto em termos absolutos como em termos relativos. A taxa é a maior já registrada pela série histórica do indicador, que teve início em janeiro de 2012. Em igual período de 2015, o desemprego correspondia a 8% da População Economicamente Ativa (PEA) do país. No trimestre terminado em janeiro, o desemprego era de 9,5%.

Por outro lado, o desemprego provocado pela recessão, que já dura dois anos, chegou a um estágio mais grave: passou a atingir os trabalhadores que respondem pela principal fonte de renda da família. Normalmente mais resistentes às intempéries do mercado, com vínculo mais longo no emprego e experiência, esses trabalhadores já não estão mais sendo poupados. Chefes de família (homens ou mulheres) respondem por 45% dos funcionários com mais de dois anos na mesma empresa, segundo o IBGE.

Entretanto, os indicadores divulgados Confederação Nacional do Comércio, mostraram sinais menos negativos para o mercado de trabalho, reiterando a queda menos intensa do emprego verificada nos dados de abril e maio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

## **RENDA DO TRABALHADOR**

Segundo reportagem do Jornal Valor econômico, disponível no site da publicação, a renda média do trabalhador brasileiro registrou uma queda brutal no segundo trimestre deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado. Em termos reais (descontada a inflação do período), o chamado rendimento médio de todos os trabalhos caiu 4,2% no período, para R\$ 1.972 mensais. É a pior variação neste tipo de comparação desde o início da série da Pnad Contínua, em 2012. Em termos anuais, a renda vem caindo de forma consistente desde o período agosto-outubro do ano passado. Naquele momento, a queda foi de 1,1%, e se aprofundou a 3,9% no trimestre encerrado em fevereiro. Depois disso, chegou a cair 2,7% no trimestre até maio, para agora recuar 4,2% no trimestre até junho. Na comparação do segundo com o primeiro trimestre deste ano, a renda também cai, 1,5%, o maior recuo do ano. Com isso e com a queda do número de pessoas empregadas, a massa real de rendimentos habitualmente recebido em todos os trabalhos pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 174,647 bilhões, queda de 4,9% ante o ano passado - maior da série - e de 1,1% ante o primeiro trimestre.

## **CONFIANÇA DO EMPRESARIO**

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) informou que o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) atingiu 87 pontos em julho. Trata-se do maior nível do indicador em 15 meses, sendo 10,7% acima da taxa de junho, e 2,4% superior à de julho do ano passado. Entretanto, a CNC observou que, mesmo com a elevação, o índice se mantém em patamar abaixo da zona de indiferença, de 100 pontos. Houve melhora nas avaliações do empresariado do setor em condições atuais, expectativas e investimentos na comparação com mês anterior.

Por outro lado, A prévia do Índice de Confiança da Indústria, medida pela Fundação Getulio Vargas (FGV), deu um salto em junho. A alta de 3,9 pontos no indicador é a maior desde outubro de 2009, quando a FGV anotou avanço de 4,2 pontos.

## **INTENÇÃO DE CONSUMO**

A Intenção de Consumo das Famílias (ICF), apurada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), ficou em 68,7 pontos em julho. Embora tenha mantido a mesma pontuação alcançada em junho, o resultado evidencia uma queda de 21% em relação ao mesmo período do ano passado. Todos os componentes apresentaram retração em relação a julho de 2015. O fato de a ICF permanecer abaixo dos 100 pontos, numa escala de 0 a 200, mostra que está abaixo da zona de indiferença, o que ressalta a percepção de insatisfação com a situação atual.

“A confiança do consumidor permanece baixa, e a recuperação da economia deve acontecer lentamente. As famílias ainda estão muito endividadas, e é possível que ainda tenhamos alguns trimestres de queda no consumo antes de uma retomada”, afirma Juliana Serapio, assessora Econômica da CNC.

## **NÍVEL DE ENDIVIDAMENTO**

De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), apurada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o percentual de famílias com dívidas recuou em julho de 2016 ante o mês anterior, assim como na comparação com o mesmo período de 2015. O percentual de famílias com contas ou dívidas em atraso também diminuiu em relação a junho, mas manteve a tendência de alta em relação ao ano passado. O percentual que relatou não ter condições de pagar suas contas em atraso também recuou na comparação mensal, aumentando, porém, ante julho de 2015.

## **INADIMPLÊNCIA**

De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), apurada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), acompanhando a queda do percentual de famílias endividadas, o percentual daquelas com dívidas ou contas em atraso diminuiu em julho de 2016, na comparação mensal, de 23,5% para 22,9% do total. Contudo, houve alta do percentual de famílias inadimplentes em relação a julho de 2015, quando esse indicador alcançou 21,5% do total. O percentual de famílias que declararam não ter condições de pagar suas contas ou dívidas em atraso e que, portanto, permaneceriam inadimplentes também registrou queda apenas na comparação mensal, atingindo 8,7% em julho de 2016, ante 9,1% em junho de 2016 e 8,1% em julho de 2015.

## **CÂMBIO**

Os analistas da Itaú BBA, a moeda brasileira teve desempenho melhor que as demais emergentes no mês, em função do cenário doméstico. O BC destacou o objetivo de convergência da inflação para o centro da meta em 2017 e avaliou que, diante das condições atuais, não há espaço para redução na taxa Selic. A perspectiva de juros altos por mais tempo e a expectativa de aprovação de medidas fiscais sustentaram a melhora relativa do real ao

longo do mês. Em consequência, foi revista a projeção de taxa de câmbio para 3,25 reais por dólar, ao fim de 2016 (ante 3,65), e 3,50 reais por dólar, ao fim de 2017 (ante 3,85). O provável adiamento da alta de juros nos EUA, o maior consenso em torno de reformas fiscais e a postura conservadora do Banco Central (BC) devem contribuir para um real mais apreciado.

## JUROS

Como informado no Boletim CEEA de Julho, o Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a taxa básica de juros da economia, a Selic, em 14,25% ao ano. A decisão foi unânime e sem viés e veio em linha com as estimativas do mercado.

Segundo a Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (ANEFAC), as taxas de juros das operações de crédito voltaram a ser elevadas em julho/2016, sendo esta a sétima elevação no ano e vigésima segunda elevação consecutiva.

Estas elevações podem ser atribuídas aos seguintes fatores: cenário econômico que aumenta o risco do crescimento nos índices de inadimplência. Este cenário se baseia no fato dos índices de inflação mais elevados, aumento de impostos e juros maiores reduzirem a renda das famílias. Agregado a isto a recessão econômica, o que deve promover no crescimento dos índices de desemprego. Tudo isto somado e o fato de que as expectativas para 2016 serem igualmente negativas quanto a todas estes fatores leva as instituições financeiras a aumentarem suas taxas de juros para compensar prováveis perdas com a elevação da inadimplência.

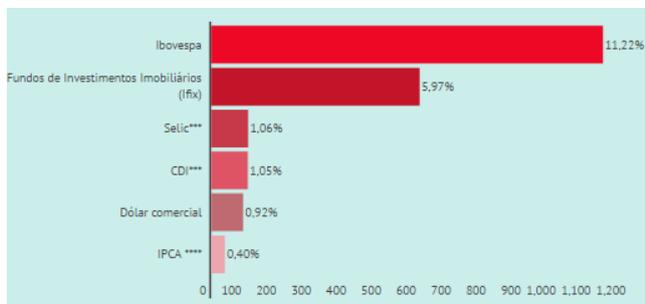
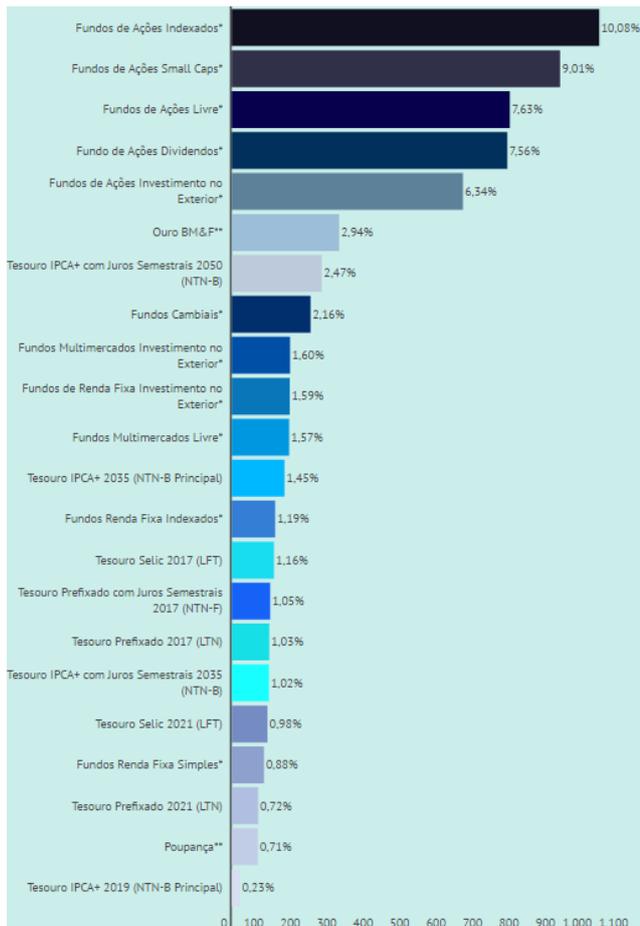
Das seis linhas de crédito pesquisadas, uma manteve sua taxa de juros no mês (cartão de crédito rotativo), duas tiveram reduções (juros do comércio e empréstimo pessoal bancos) e três tiveram suas taxas de juros elevadas no mês (cheque especial, CDC-bancos – financiamento de automóveis e empréstimo pessoal financeiras).

A taxa de juros média geral para pessoa física apresentou uma elevação de 0,03 ponto percentual no mês (3,85 pontos percentuais no ano) correspondente a uma elevação de 0,37% no mês (2,56% em doze meses) passando a mesma de 8,06% ao mês (150,50% ao ano) em junho/2016 para 8,09% ao mês (154,35% ao ano) em julho/2016 sendo esta a maior taxa de juros desde setembro/2003.

Veja no quadro abaixo o comportamento das taxas de juros, em julho:

LINHA DE CRÉDITO	JUNHO/2016		JULHO/2016	
	TAXA MÊS	TAXA ANO	TAXA MÊS	TAXA ANO
Juros comércio	5,86%	98,05%	5,84%	97,61%
Cartão de crédito	15,22%	447,44%	15,22%	447,44%
Cheque especial	11,92%	286,27%	12,10%	293,79%
CDC – bancos- financiamento de automóveis	2,31%	31,53%	2,33%	31,84%
Empréstimo pessoal-bancos	4,63%	72,14%	4,59%	71,35%
Empréstimo pessoal-financeiras	8,41%	163,53%	8,44%	164,41%

## Melhores e piores aplicações financeiras em julho 2016 segundo a Revista Exame:



## INDÚSTRIA

Segundo o IBGE, depois de ensaiar uma recuperação em maio, a produção industrial nacional voltou a mostrar resultado negativo ao recuar 0,3% em junho. Em relação ao mesmo mês do ano passado, a atividade fabril caiu ainda mais, 3,2%, a 16ª baixa negativa seguida. No semestre, de janeiro a junho, a indústria acumula retração de 6,3% - o pior resultado desde 2009. A atividade foi impactada pela produção de veículos automotores, reboques e carrocerias, que sofreu redução de quase 21%. Segundo o Instituto, apesar de todas as taxas serem negativas em junho, o recuo de 5% no acumulado em 12 meses apresentou uma perda menos intensa do que a observada em maio, - 5,3%, e interrompeu a trajetória descendente iniciada em março de 2014.

## **NÍVEL DE CONFIANÇA**

Em julho, segundo dados da Itaú/BBA, a confiança na indústria permaneceu em trajetória de alta. Ademais, a demanda industrial mostra sinais de alta nos últimos meses e o nível de utilização de capacidade instalada aumentou em julho. Dessa forma, mantém-se a visão de que o ajuste nos estoques deve continuar nos próximos meses e de que a produção industrial deve continuar a se recuperar no segundo semestre deste ano.

## **INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO**

Segundo a Fundação Getúlio Vargas, o Índice de Confiança da Construção (ICST) subiu 2,7 pontos em julho, atingindo 70,7 pontos, o maior desde agosto de 2015 (72,4 pontos). Esta foi também a primeira vez desde novembro passado em que houve alta tanto do indicador que mede a situação corrente quanto do indicador de expectativas de curto prazo. O resultado sinaliza uma melhora da percepção dos empresários, embora o nível de confiança ainda seja muito baixo em termos históricos.

“As indicações de retomada de obras paradas e de novas contratações nos programas governamentais, assim como as perspectivas mais positivas para a economia, reduziram o pessimismo setorial”, observou Ana Maria Castelo, Coordenadora de Projetos da Construção da FGV/IBRE.

Em médias móveis bimestrais, o índice apresenta a terceira alta consecutiva, ao variar 0,8 ponto em julho, na margem. O Índice da Situação Atual (ISA-CST) subiu pelo segundo mês consecutivo ao variar 1,0 ponto frente ao mês anterior, para 62,7 pontos. O quesito que apresentou maior influência na alta do ISA-CST foi o que capta a *situação atual da carteira de contratos*, que variou 1,3 ponto em relação ao mês anterior, alcançando 61,6 pontos. Ainda assim, continua abaixo do indicador que mede a situação atual dos negócios, que fechou Julho em 64,1 pontos.

O Índice de Expectativas (IE-CST) também subiu ao alcançar 79,3 pontos – maior nível desde abril de 2015 –, ficando 4,4 pontos acima do mês anterior. Dentre os quesitos que integram o IE-CST, as expectativas em relação à evolução dos *negócios nos seis meses seguintes* foi o que mais contribuiu para alta no mês, com variação de 4,6 pontos, no mês, atingindo 81,6 pontos.

## **NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO**

Em julho de 2016, o Nível de Utilização da Capacidade (NUCI) do setor da Construção cresceu 0,8 ponto percentual (p.p.), frente a junho, alcançando 64,4%, nível mais alto desde março passado. Segundo a FGV “a sondagem de julho mostra que começa a se fortalecer o sentimento de que o pior já passou, mas a melhora da confiança continua ocorrendo muito mais por conta de uma redução do pessimismo do empresário em relação ao que vai acontecer. No entanto, demanda e acesso ao crédito continuam como os principais fatores limitativos à melhoria dos negócios correntes. A atividade da construção se mantém bastante deprimida e mesmo com o aumento de julho, o NUCI ainda não voltou ao patamar do primeiro trimestre do ano. As indicações de realização de novos negócios e de retomada de contratações ainda não apresentam a robustez necessária para confirmar a recuperação.

O NUCI é um indicador econômico que procura medir, a partir de dados individuais de empresas, a relação entre o produto efetivamente gerado em determinado setor como proporção do produto potencial caso toda sua capacidade produtiva estivesse em uso. A série começa a partir de abril de 2013.

## **INVESTIMENTOS**

Quanto aos investimentos no setor industrial, dados da CNI demonstram expectativas otimistas em um cenário de atividade ainda fraca. A indústria tem apresentado certa recuperação de acordo com os dados da Sondagem Industrial. Resultado da combinação de alguns indicadores positivos de expectativa - como os de demanda, de quantidade exportada e de compras de matérias-primas - e da redução do ritmo de queda de determinados indicadores coincidentes, como os de evolução da produção e de emprego. Outro ponto positivo são os estoques, que se encontram no nível desejado. A situação das empresas do segmento industrial, por outro lado, continua delicada.

Quanto ao investimento na indústria da construção, o governo informou que vai destinar R\$ 3,8 bilhões neste ano para iniciar a contratação de operações da faixa 1,5 do programa, que atende famílias com renda bruta limitada a R\$ 2.350. Segundo o ministério, dos R\$ 3,8 bilhões para essa faixa de renda, R\$ 1,4 bilhão serão em subsídios (R\$ 1,26 bilhão do FGTS e R\$ 140 milhões do Tesouro Nacional)

## **MERCADO IMOBILIÁRIO**

A crise prolongada da economia brasileira continua provocando depreciação do mercado imobiliário brasileiro. O mercado imobiliário chegou ao seu pior momento desde 2004, em meio a uma crise que está relacionada a condições adversas do cenário macroeconômico, fraca demanda por imóveis, dificuldade de acesso ao crédito e, por fim, um ambiente levemente negativo no campo setorial. Essas são as conclusões da nova pesquisa sobre o mercado imobiliário, o Radar Abrainc-Fipe, lançado no esse mês de agosto em parceria pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), com divulgação mensal. Entretanto, segundo Guido Cussiol Neto, diretor do Sindicato da Habitação (Secovi) de Sorocaba, toda crise traz consigo novas oportunidades. E, para o mercado imobiliário, elas vieram endereçadas ao segmento de alto padrão. Em especial, ao nicho de condomínios. Atualmente, o público de maior poder aquisitivo consegue aliar a posse de recursos para investimento a um ambiente extremamente favorável a negociações. De acordo com o diretor do Sindicato, há uma movimentação interessante em negócios de alto padrão, já que este público, de forma geral, não sentiu os impactos da crise econômica, assim como não depende de financiamento bancário para a compra do imóvel. "É uma demanda específica e percebemos que os compradores conseguem ótimos descontos, pois pagam à vista", comenta.

## **MATERIAL DE CONSTRUÇÃO**

Segundo informou a Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (ABRAMAT) as vendas no varejo de material de construção cresceram 8,5% no mês de julho, na comparação com junho deste ano. O desempenho foi 4% superior ao registrado no mesmo período de 2015 e equivale ao terceiro mês consecutivo de crescimento do setor em 2016. Os

dados são do estudo mensal realizado pelo Instituto de Pesquisas da Anamaco, com o apoio da Abrafati, Instituto Crisotila Brasil, Anfacer e Siamfesp. O estudo ouviu 530 lojistas de todas as regiões do país entre os dias 26 e 30 de julho. A margem de erro é de 4,3%.

Segundo a Associação, a expectativa da entidade é que o varejo de material de construção encerre o ano com crescimento de 5% sobre 2015. "Continuamos firmes na nossa expectativa de fecharmos 2016 com crescimento, até porque, em mais de 30 anos de Anamaco, 2015 foi o primeiro ano que teve um segundo semestre com desempenho de vendas inferior ao primeiro. O frio também ajuda muito nas vendas e o tempo seco prolongado faz com que as obras tenham um bom andamento", completa.

Essa informação coincide com o anúncio postado no site da Caixa econômica federal anunciando a disponibilização de R\$ 7 bilhões para o Construcard, linha de crédito para financiamento de material de construção, até o fim de 2017. O produto foi reformulado, para dar mais agilidade e segurança à operação e melhorar a qualidade do atendimento. A cifra de R\$ 7 bilhões, conforme o vice-presidente de Negócios Emergentes da Caixa, Fabio Lenza, é inicial. "Nessa nova fase do produto, colocamos à disposição do setor, inicialmente, R\$ 7 bilhões até o fim de 2017, valor que poderá ser aumentado, caso haja maior demanda. O objetivo é incentivar o segmento de materiais de construção", diz ele, em nota à imprensa.

## CEEA - SISTEMA DE ÍNDICES PREÇOS E CUSTOS DA CONSTRUÇÃO – SIP

### 1) ÍNDICE NACIONAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL - IBGE

O Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi), calculado pelo IBGE, apresentou variação de 0,20% em julho, ficando 0,82 ponto percentual abaixo da taxa de junho (1,02%). Os últimos doze meses foram para 6,47%, resultado inferior aos 6,99% registrados nos doze meses imediatamente anteriores. Em julho de 2015 o índice foi 0,69%.

### 2) CUSTO NACIONAL DA CONSTRUÇÃO - IBGE

O custo nacional da construção, por metro quadrado, que em junho foi de R\$ 1.007,75, sendo R\$ 528,55 relativos aos materiais e R\$ 479,20 à mão de obra, subiu para, em julho subiu para R\$ 1.009,76, sendo R\$ 527,97 relativos aos materiais e R\$ 481,79 à mão de obra. A parcela dos materiais apresentou queda de 0,11%, enquanto havia registrado aumento em junho (0,16%). Já a parcela da mão de obra, teve alta de 0,54%, embora tenha reduzido 1,43 pontos percentuais em relação ao mês anterior (1,97%). De janeiro a julho deste ano os acumulados foram 2,30% (materiais) e 7,68% (mão de obra), sendo que em doze meses ficaram em 3,56% (materiais) e 9,83% (mão de obra).

### 3) CUSTOS E COMPOSIÇÃO DOS CUSTOS DA CONSTRUÇÃO EM MG - SINDUSCON

Veja abaixo, os Custos Unitários Básicos de Construção (CUB/m<sup>2</sup>) e a composição do CUB/m<sup>2</sup> para julho de 2016, segundo o Sinduscon:

VALORES EM R\$/m<sup>2</sup>

#### PROJETOS - PADRÃO RESIDENCIAIS

PADRÃO BAIXO		PADRÃO NORMAL		PADRÃO ALTO	
R-1	1.297,38	R-1	1.568,84	R-1	1.885,90
PP-4	1.170,44	PP-4	1.464,75	R-8	1.514,52
R-8	1.110,59	R-8	1.261,74	R-16	1.571,03
PIS	851,45	R-16	1.221,25		

#### PROJETOS - PADRÃO COMERCIAIS CAL (Comercial Andares Livres) e CSL (Comercial Salas e Lojas)

PADRÃO NORMAL		PADRÃO ALTO	
CAL-8	1.433,96	CAL-8	1.547,32
CSL-8	1.235,73	CSL-8	1.355,32
CSL-16	1.640,36	CSL-16	1.798,79

#### PROJETOS - PADRÃO GALPÃO INDUSTRIAL (GI) E RESIDÊNCIA POPULAR (RP1Q)

RP1Q	1.319,37
GI	670,02

**Projetos-Padrão Residenciais - Baixo**

Item	R1-B	PP-4-B	R8-B	PIS
Materiais	562,29	610,12	584,55	393,91
Mão de Obra	633,93	532,06	500,33	431,96
Despesas Administrativas	99,22	26,38	23,74	24,60
Equipamentos	1,94	1,88	1,97	0,98
<b>Total</b>	<b>1.297,38</b>	<b>1.170,44</b>	<b>1.110,59</b>	<b>851,45</b>

**Projetos-Padrão Residenciais - Normal**

Item	R1-N	PP-4-N	R8-N	R16-N
Materiais	605,33	583,28	516,29	511,43
Mão de Obra	870,21	769,73	691,27	664,65
Despesas Administrativas	93,16	111,71	51,54	42,65
Equipamentos	0,14	0,03	2,64	2,52
<b>Total</b>	<b>1.568,84</b>	<b>1.464,75</b>	<b>1.261,74</b>	<b>1.221,25</b>

**Projetos-Padrão Residenciais - Alto**

Item	R1-A	R8-A	R16-A
Materiais	853,47	719,96	693,06
Mão de Obra	944,19	731,30	821,47
Despesas Administrativas	88,07	60,77	52,72
Equipamentos	0,17	2,49	3,78
<b>Total</b>	<b>1.885,90</b>	<b>1.514,52</b>	<b>1.571,03</b>

**Projetos-Padrão Comerciais - Normal**

Item	CAL-8-N	CSL-8-N	CSL-16-N
Materiais	589,80	482,75	648,43
Mão de Obra	770,65	695,64	926,40
Despesas Administrativas	69,05	54,51	61,15
Equipamentos	4,46	2,83	4,38
<b>Total</b>	<b>1.433,96</b>	<b>1.235,73</b>	<b>1.640,36</b>

**Projetos-Padrão Comerciais - Alto**

Item	CAL-8-A	CSL-8-A	CSL-16-A
Materiais	695,77	582,83	780,49
Mão de Obra	778,03	715,13	952,81
Despesas Administrativas	69,06	54,51	61,14
Equipamentos	4,46	2,85	4,35
<b>Total</b>	<b>1.547,32</b>	<b>1.355,32</b>	<b>1.798,79</b>

**Projeto-Padrão Residência Popular**

Item	RP1Q
Materiais	487,49
Mão de Obra	829,40
Despesas Administrativas	0,00
Equipamentos	2,48
<b>Total</b>	<b>1.319,37</b>

#### 4) CUSTO UNITÁRIO DA CONSTRUÇÃO - CUC/m<sup>2</sup> EM BELO HORIZONTE CONSIDERANDO A NORMA ABNT NBR 12721:200 - CEEA

O Centro de economia e estatística (CEEA) produz o custo unitário da construção em Belo Horizonte considerando a norma ABNT NBR 12721-200. Esta Norma estabelece os critérios para avaliação de custos unitários, cálculo do rateio de construção e outras disposições correlatas, conforme as disposições fixadas e as exigências estabelecidas na Lei Federal 4.591/64. **Para tanto, foi escolhido o seguinte padrão: Lotes básicos - Projetos-padrão residenciais – Baixo – H1.** Ali estão fornecidas as quantidades de insumos, por metro quadrado de construção, derivados das relações completas de materiais, mão-de-obra, despesas administrativas e equipamentos, levantadas a partir das quantidades dos serviços considerados na formação do custo unitário básico desse projetos-padrão. Estas quantidades dos insumos foram extraídas do agrupamento de todos os insumos em famílias cujos itens são correlatos. Para o cálculo dos custos da construção civil em Belo Horizonte, **toma-se os preços no varejo** de materiais de construção e os salários pagos na construção civil para o setor habitação. Tem como unidade de coleta os fornecedores de materiais (depósitos de material de construção) e empresas construtoras do setor.

O Custo Unitário da Construção - CUC/m<sup>2</sup> em julho apurado pelo CEEA, considerando a Norma ABNT NBR 12721:200 e os preços do material de construção no varejo, em Belo Horizonte, fechou em R\$1.332,67 correspondendo R\$597,67 a parcela dos materiais e R\$735,00 a parcela de mão-de obra e aluguel de equipamento.

Custo unitário básico CUB/m <sup>2</sup> - CEEA - Julho 2016 – em R\$1,00		
Material	Mão-de-obra	Total
597,67	735,00	1.332,67

#### 5) ÍNDICE DE PREÇO AO CONSUMIDOR DO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO EM BELO HORIZONTE – CEEA

A inflação do material de construção em Belo Horizonte, no mês de julho, foi de 1,72%. A inflação é medida pelo Índice de preço ao consumidor do material de construção calculado pelo CEEA. Esse índice exprime a variação de preços do material nos depósitos de material de construção, distribuídos pelas 09 regionais de Belo Horizonte, coletados no período entre os dias 26 a 30 de julho de 2016 (preço referência) com os preços vigentes no período de 26 a 31 de junho de 2016 (base). As principais altas foram a Esquadria de correr (51,96%); Fechadura (32,04%); Conduíte (23,71%) e o Azulejo (20,63%). As maiores baixas foram a Torneira de tanque (53,42%); Sifão para tanque (46,88%); Tanque de mármore (46,72%) Caibro (33,68%).

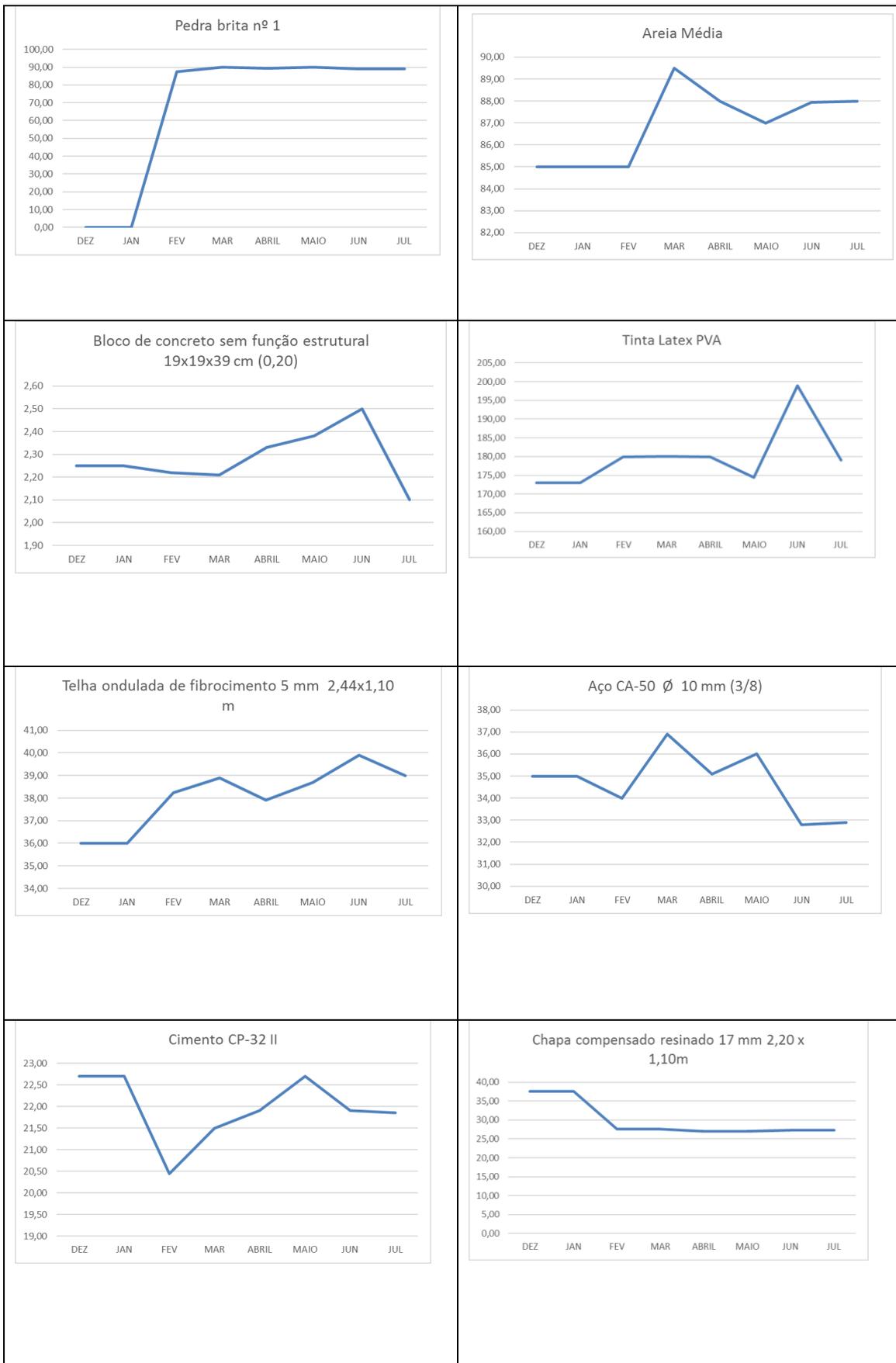
Abaixo, o preço do material de construção no varejo, em Belo Horizonte, em julho:

PREÇO E VARIAÇÃO DE PREÇO DO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MÃO DE OBRA E ALUGUEL DE EQUIPAMENTO, EM R\$1,00 -JULHO/2016						
ITEM	MATERIAL	UNIDADE	PREÇO	VARIAÇÃO (%)		
				MENSAL	ACUMULADO	
					ANO	12 MESES
1	Aço CA-50 Ø 10 mm (3/8)	barra 12 m	32,90	-8,61	-6,00	n/v
2	Areia Média	m³	88,00	1,15	3,53	n/v
3	Bacia sanitária branca com caixa acoplada	unidade	227,00	1,57	-0,44	n/v
4	Bloco cerâmico para alvenaria (tijolo 8 furos) 9x19x29 cm	unidade	0,67	3,08	3,08	n/v
5	Bloco de concreto sem função estrutural 19x19x39 cm (0,20)	unidade	2,10	-11,76	-6,67	n/v
6	Caibro	unidade	6,30	-33,68	-23,40	n/v
7	Caixa d'água, 500L	unidade	194,00	-3,72	-5,25	n/v
8	Caixa de inspeção para gordura	m	83,50	4,51	-3,91	n/v
9	Caixa de Luz (4x2)	m	1,00	-23,08	-33,33	n/v
10	Caixa de Luz (4x4)	m	2,40	-2,04	-4,00	n/v
11	Caixa de passagem de pvc	unidade	74,80	-0,27	-2,22	n/v
12	Chapa compensado resinado 17 mm 2,20 x 1,10m	m²	27,32	1,19	-27,28	n/v
13	Chuveiro (maxiducha)	unidade	42,00	-3,40	1,82	n/v
14	Cimento CP-32 II	saco 50 kg	21,85	-3,74	-3,74	n/v
15	Concreto fck= 25 Mpa abatimento 5 +- 1 cm, brita 1 e 2 pré-dosado	m³	280,00	0,36	7,24	n/v
16	Conduíte 1/2"	unidade	1,20	23,71	-7,69	n/v
17	Disjuntor tripolar 70 A	unidade	99,75	0,76	39,51	n/v
18	Emulsão asfáltica impermeabilizante - para laje (FRIO ASFALTO)	20 kg	141,25	-7,12	41,25	n/v
19	Esquadria de correr 2,00 x 1,20 m, em 4 folhas (2 de correr), em alumínio anodizado	m²	699,00	51,96	258,46	n/v
20	Fechadura para porta interna, tipo IV (55 mm), em ferro, acabamento cromado.	unidade	39,48	32,04	12,80	n/v
21	Fio de Cobre anti-chama, isolamento 750, #2,5 mm²	100 m	95,00	-1,04	-17,82	n/v
22	Impermeabilizante para fundação	Kg	75,95	11,86	0,20	n/v
23	Janela de correr 1,20x1,00m em duas folhas em perfil de chapa de METALON dobrada nº 2	m²	178,50	10,19	15,24	n/v
24	lavatório louça branca sem coluna	unidade	60,00	-2,25	-9,09	n/v
25	Pedra brita nº 1	m³	89,00	-1,11	-1,09	n/v
26	Pia de cozinha	unidade	90,50	-9,41	-33,41	n/v
27	Placa cerâmica (azulejo) 20 x 20 cm PEI II, cor clara.	m²	28,18	20,63	40,90	n/v
28	Placa de gesso 60 x 20 cm.	unidade	15,00	3,45	-45,45	n/v
29	Porta Interna semi-oca para pintura 0,60x 2,10 cm	unidade	75,00	0,00	-11,69	n/v
30	Registro de pressão 1/2" (Apenas a base)	unidade	38,23	9,54	-11,81	n/v
31	Sifão Pia	unidade	8,90	4,71	15,58	n/v
32	Sifão Tanque	unidade	8,50	-46,88	10,39	n/v
33	Tampo (bancada) de mármore branco 2,00 x 0,60 x 0,02 cm	unidade	350,00	0,00	-28,49	n/v
34	Tanque de mármore sintético	50L	149,00	-46,79	-52,32	n/v
35	Telha ondulada de fibrocimento 5 mm 2,44x1,10 m	m²	39,00	0,78	8,33	n/v
36	Tinta Latex PVA	18 l	179,00	2,61	3,47	n/v
37	Torneira p/ banheiro padrão, 1/2"	unidade	30,00	-24,05	-53,85	n/v
38	Torneira p/ pia padrão, 1/2"	unidade	33,00	-26,26	-27,47	n/v
39	Torneira p/ tanque padrão, 1/2"	unidade	18,40	-53,42	-12,38	n/v
40	Tube de PVC rígido reforçado p/ esgoto 150 mm	6 m	125,40	-9,13	-17,01	n/v
41	Tube PVC 40 mm para caixa sifonada	unidade	18,90	-20,92	-19,23	n/v
42	Tube PVC Água Fria 20mm SOLDÁVEL	6 m	11,70	-1,68	-21,21	n/v
43	Vidro liso transparente 4 mm colocado c/ massa.	m²	78,00	1,97	-1,71	n/v
<b>TOTAL</b>						
<b>Mão de obra</b>						
26	Pedreiro	hora	19,33	0,00	12,38	n/v
27	Servente	hora	12,63	0,00	12,17	n/v
<b>Despesas administrativas</b>						
28	Engenheiro	hora	60,00	19,00	19,78	n/v
<b>Equipamentos</b>						
29	Locação de betoneira 320 l	dia	7,00	0,00	7,69	n/v

A seguir, a evolução, no ano, do preço no varejo, do material de construção, mão de obra e aluguel de equipamento, em Belo Horizonte:

Evolução mensal do preço do material de construção, mão-de-obra e aluguel de equipamento - 2016 - R\$1,00										
2016										
ITEM	MATERIAL	UNIDADE	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
1	Aço CA-50 Ø 10 mm (3/8)	barra 12 m	35,00	35,00	34,00	36,90	35,10	36,00	32,80	32,90
2	Areia Média	m³	85,00	85,00	85,00	89,50	88,00	87,00	87,95	88,00
3	Bacia sanitária branca com caixa acoplada	unidade	228,00	228,00	227,00	227,00	196,00	223,50	214,45	227,00
4	Bloco cerâmico para alvenaria (tijolo 8 furos) 9x19x29 cm	unidade	0,65	0,65	0,64	0,65	0,68	0,65	0,65	0,67
5	Bloco de concreto sem função estrutural 19x19x39 cm (0,20)	unidade	2,25	2,25	2,22	2,21	2,33	2,38	2,50	2,10
6	Caibro	unidade	8,23	8,23	7,50	7,50	9,50	9,50	7,15	6,30
7	Caixa d'água, 500L	unidade	204,75	204,75	199,50	197,10	199,00	201,50	200,00	194,00
8	Caixa de inspeção para gordura	m	86,90	86,90	79,95	79,95	80,88	79,90	78,50	83,50
9	Caixa de Luz (4x2)	m	1,50	1,50	1,00	1,00	1,30	1,30	1,00	1,00
10	Caixa de Luz (4x4)	m	2,50	2,50	2,13	2,25	2,45	2,45	2,00	2,40
11	Caixa de passagem de pvc	unidade	76,50	76,50	78,50	78,50	77,25	75,00	78,98	74,80
12	Chapa compensada resinado 17 mm 2,20 x 1,10m	m²	37,57	37,57	27,62	27,62	27,00	27,00	27,32	27,32
13	Chuveiro (maxiducha)	unidade	41,25	41,25	42,60	42,60	43,48	43,48	45,00	42,00
14	Cimento CP-32 II	saco 50 kg	22,70	22,70	20,45	21,50	21,90	22,70	21,90	21,85
15	Concreto fck= 25 Mpa abatimento 5 + 1 cm, brita 1 e 2 pré-dosado	m³	261,10	261,10	280,00	279,00	279,00	279,00	279,00	280,00
16	Condute 1/2"	unidade	1,30	1,30	0,62	0,80	0,97	0,97	0,90	1,20
17	Disjuntor tripolar 70 A	unidade	71,50	71,50	74,48	97,00	70,00	99,00	102,90	99,75
18	Emulsão asfáltica impermeabilizante - para laje (FRIO ASFALTO)	20 kg	100,00	100,00	145,95	162,50	169,00	152,07	145,95	141,25
19	Esquadria de correr 2,00 x 1,20 m, em 4 folhas (2 de correr), em alu	m²	195,00	195,00	374,50	331,00	455,00	460,00	699,00	699,00
20	Fechadura para porta interna, tipo IV (55 mm), em ferro, acabament	unidade	35,00	35,00	38,00	33,90	39,58	29,90	39,00	39,48
21	Fio de Cobre anti- chama, isolamento 750, # 2,5 mm²	100 m	115,60	115,60	105,00	95,00	93,00	96,00	94,50	95,00
22	Impermeabilizante para fundação	Kg	75,80	75,80	59,90	71,70	67,90	67,90	59,90	75,95
23	Janela de correr 1,20x1,00m em 2 folhas em perfil de chapa de MET	m²	154,90	154,90	146,00	152,45	179,00	162,00	159,00	178,50
24	lavatório louça branca sem coluna	unidade	66,00	66,00	59,00	58,00	61,38	61,38	66,00	60,00
25	Pedra brita nº 1	m³	89,98	89,98	87,50	90,00	89,25	90,00	89,00	89,00
26	Pia de cozinha	unidade	135,90	135,90	124,25	125,00	99,90	99,90	126,00	90,50
27	Placa cerâmica (azulejo) 30 x 40 cm PEI II, cor clara.	m²	20,00	20,00	25,65	25,50	26,10	23,36	22,95	28,18
28	Placa de gesso 60 x 60 cm.	unidade	27,50	27,50	13,80	14,00	14,31	14,50	14,98	15,00
29	Porta Interna semi-oca para pintura 0,60x 2,10 cm	unidade	84,93	84,93	75,00	78,00	69,00	75,00	72,48	75,00
30	Registro de pressão 1/2" (Apenas a base)	unidade	43,35	43,35	33,90	36,50	37,73	34,90	38,00	38,23
31	Sifão Pia	unidade	7,70	7,70	8,00	7,90	8,50	8,50	8,00	8,90
32	Sifão Tanque	unidade	7,70	7,70	8,00	7,90	16,00	16,00	8,00	8,50
33	Tampo (bancada) de mármore branco 2,00 x 0,60 x 0,02 cm	unidade	489,45	489,45	350,00	350,00	350,00	350,00	350,00	350,00
34	Tanque de mármore sintético	500L	312,50	312,50	207,95	157,50	280,00	280,00	293,75	149,00
35	Telha ondulada de fibrocimento 5 mm 2,44x1,10 m	m²	36,00	36,00	38,25	38,90	37,90	38,70	39,90	39,00
36	Tinta Latex PVA	18 l	173,00	173,00	179,90	180,00	179,90	174,45	198,98	179,00
37	Torneira p/ banheiro padrão, 1/2"	unidade	65,00	65,00	39,00	35,40	50,00	39,50	41,43	30,00
38	Torneira p/ pia padrão, 1/2"	unidade	45,50	45,50	39,50	41,00	44,00	44,75	39,45	33,00
39	Torneira p/ tanque padrão, 1/2"	unidade	21,00	21,00	35,00	28,50	25,48	39,50	17,45	18,40
40	Tubo de PVC rígido reforçado p/ esgoto 150 mm	6 m	151,10	151,10	138,00	138,45	128,60	138,00	148,95	125,40
41	Tubo PVC 40 mm para caixa sifonada	unidade	23,40	23,40	18,00	18,95	23,90	23,90	23,00	18,90
42	Tubo PVC Água Fria 20mm SOLDÁVEL	6 m	14,85	14,85	11,43	11,65	11,88	11,90	13,70	11,70
43	Vidro liso transparente 4 mm colocado c/ massa.	m²	79,36	79,36	72,50	73,00	76,00	76,49	77,04	78,00
<b>MÃO DE OBRA</b>										
1	Pedreiro	h	17,2	17,2	17,2	17,2	19,33	19,33	19,33	19,33
2	Servente	h	11,26	11,26	11,88	11,83	12,63	12,63	12,63	12,63
<b>DESPESAS ADMINISTRATIVAS</b>										
1	Engenheiro	h	50,9	50,9	48,05	55	60	60	60,00	60
<b>EQUIPAMENTOS</b>										
1	Locação de betoneira 320 l	Dia	6,5	6,5	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7

Comportamento do preço de alguns materiais de construção em Belo Horizonte:



## 6) ESTRUTURA DE CUSTOS E GASTOS DA CONSTRUÇÃO POR ETAPAS DA OBRA

A estrutura de custos e gastos da construção, segundo etapas da obra, calculado pelo CEEA, é uma estimativa parcial para o valor de m<sup>2</sup> de construção, refletindo a variação mensal dos custos de construção imobiliária com materiais, equipamentos e mão de obra de um projeto-padrão específico, desenvolvido pelo CEEA, designado **PROJETO-PADRÃO CEEA**, tomando-se os preços no varejo do material de construção, vendido nos depósitos de material de construção, em Belo Horizonte. Conforme pode ser visto nas imagens abaixo, o **PROJETO-PADRÃO CEEA**, desenvolvido pelo CEEA, foi instituído como base para estabelecimento do custo da construção, em Belo Horizonte.



O **PROJETO DO CEEA**, baseia-se no projeto-padrão da NBR 12721, foi elaborado um orçamento analítico, que contempla uma cesta de materiais, mão de obra, equipamento e despesa administrativa. Na formação do custo não são considerados os seguintes itens: terreno, fundações especiais; - elevadores; - instalações de ar condicionado, calefação, telefone interno, fogões, aquecedores, "playgrounds", de equipamento de garagem, etc.; - obras complementares de terraplanagem, urbanização, recreação, ajardinamento, ligações de serviços públicos, etc.; - despesas com instalação, funcionamento e regularização do condomínio, além de outros serviços especiais; - impostos e taxas; projeto, incluindo despesas com honorários profissionais e material de desenho, cópias, etc.; - remuneração da construtora; - remuneração do incorporador.

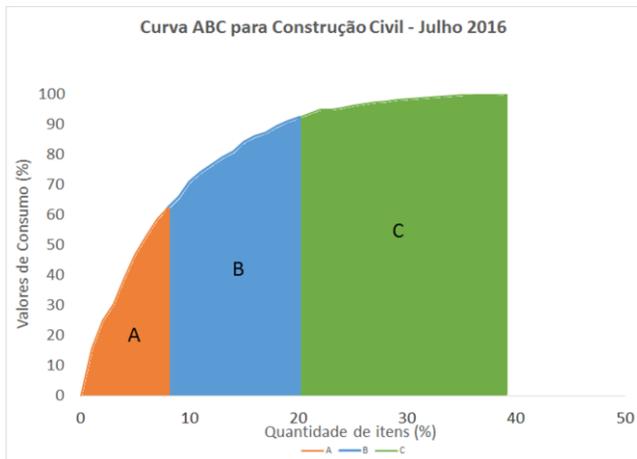
Para o cálculo dos custos da construção civil em Belo Horizonte toma-se os preços no varejo de materiais de construção e os salários pagos na construção civil para o setor habitação. Tem como unidade de coleta os fornecedores de materiais (depósitos de material de construção) e empresas construtoras do setor.

Veja a seguir a estrutura de custos e gastos de mão-de-obra e material, por etapa da obra:

Estrutura de custos e gastos material - Julho 2016					
Serviços	Valor materiais	Mão de obra	Total	% acumulado	
Infraestrutura	R\$ 1.724,42	R\$ 824,77	R\$ 2.549,19	7,88	
Estrutura	R\$ 6.319,32	R\$ 3.763,95	R\$ 10.083,27	31,17	
Acabamento	R\$ 7.354,59	R\$ 12.357,44	R\$ 19.712,03	60,94	
<b>Total</b>	<b>R\$ 15.398,33</b>	<b>R\$ 16.946,16</b>	<b>R\$ 32.344,50</b>	<b>100,00</b>	

Estrutura de custos e gastos material - Julho 2016							
	Etapas de serviço	Valor materiais	Mão de obra	Total	% acumulado		
Infraestrutura	Fundação	R\$ 1.724,42	R\$ 824,77	R\$ 2.549,19	7,88		
	Estrutura	Alvenaria	R\$ 2.982,12	R\$ 2.303,67	R\$ 5.285,79	16,34	
		Laje	R\$ 604,20	R\$ 1.071,95	R\$ 1.676,15	5,18	
Acabamento	Telhado	R\$ 2.733,00	R\$ 388,34	R\$ 3.121,34	9,65		
	Revestimento paredes	R\$ 593,35	R\$ 2.959,56	R\$ 3.552,91	10,98		
	Piso	R\$ 904,15	R\$ 938,04	R\$ 1.842,19	5,70		
	Esquadrias	R\$ 1.107,90	R\$ 960,53	R\$ 2.068,43	6,39		
	Pinturas	R\$ 895,00	R\$ 2.068,99	R\$ 2.963,99	9,16		
	Vidros	R\$ 366,60	R\$ 69,23	R\$ 435,83	1,35		
	Louças	R\$ 1.659,90	R\$ 199,32	R\$ 1.859,22	5,75		
	Instalações	R\$ 1.696,98	R\$ 996,57	R\$ 2.693,55	8,33		
	Muros	R\$ 38,56	R\$ 3.813,12	R\$ 3.851,68	11,91		
	Calçadas	R\$ 92,15	R\$ 352,09	R\$ 444,23	1,37		
<b>Total</b>	<b>R\$ 15.398,33</b>	<b>R\$ 16.946,16</b>	<b>R\$ 32.344,50</b>	<b>100,00</b>			

**7) CURVA ABC DERIVADA DO ESTRUTURA DE CUSTOS E GASTOS DE MATERIAL E MÃO DE OBRA, SEGUNDO O PROJETO-PADRÃO CEEA -**



A	B	C
Aço	Azulejo	Caixa d'água
Areia	Bacia	Caixa de inspeção
Bloco ceramico	Bloco concreto	Caixa de luz 4x4
Brita	Caibro	Caixa de passagem
Cimento	Disjuntor tripolar	Caixa luz 2x4
Compensado	Impermeabilizante	Caixilho
Telha	Janela	Chuveiro
Tinta	Porta	Conduíte 1/2
	Tampo bancada	Emulsão asfáltica
	Tanque	Fechadura porta interna
	Tubo pvc 100	Fio de cobre
	Vidro	Lavatório
		Pia cozinha
		Registro de pressão 1/2"
		Sifão pia
		Sifão tanque
		Torneira lavatório
		Torneira pia
		Torneira tanque
		Tubo pv água fria 20mm
		Tubo pvc 40mm

**8) PERCENTUAL DE GASTOS POR ETAPA DA OBRA, SEGUNDO PROJETO-PADRÃO CEEA**

Estrutura de custos e gastos material - Julho 2016	
Serviços	% Acumulado
Infraestrutura	7,88
Estrutura	31,17
Acabamento	60,94
<b>Total</b>	<b>100,00</b>

Estrutura de custos e gastos material - Julho 2016	
Etapas de Serviço	% Acumulado
Fundação	7,88
Alvenaria	16,34
Laje	5,18
Telhado	9,65
Revestimento paredes	10,98
Piso	5,70
Esquadrias	6,39
Pinturas	9,16
Vidros	1,35
Louças	5,75
Instalações	8,33
Muros	11,91
Calçadas	1,37
<b>Total</b>	<b>100,00</b>

## BRASIL - PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS, DE MERCADO E COTAÇÕES

### CÂMBIOS / MOEDAS

PAPEL	DESCRIÇÃO	ÚLTIMO	COMPRA	VENDA
DOL COM	Dolar Comercial	3.1450	3.1430	3.1450
DOLTR	Dolar Turismo SP	3.2700	3.0700	3.2700
BCEUR RS	Real/EURO - BACEN	3.50140	3.50140	3.50340
BCEUR	Euro/USD - BACEN	1.11660	1.11660	1.11700
BCJPY	Yen Japones/USD - BACEN	101.47000	101.47000	101.49000
BCCHN	China Yuan/USD - BACEN	6.62740	6.62740	6.62790
BCLIB EST	Libra Britanica/USD - BACEN	1.29570	1.29570	1.29610
BCARG	Peso Argentino/USD - BACEN	14.62000	14.62000	14.63000
BCPESO CHILE	Peso Chileno/USD - BACEN	643.70000	643.70000	643.85000
BCFRA SUI	Franco Suico/USD - BACEN	0.97190	0.97190	0.97270
BCAUD	Dolar Australiano/USD - BACEN	0.77090	0.77090	0.77100
BCDOL CAN	Dolar Canadense/USD - BACEN	1.30040	1.30040	1.30070

### INDICADORES ECONÔMICOS

PAPEL	DESCRIÇÃO	VARIAÇÃO (%)
IPCA 12	IPCA - Variacao 12Meses (IBGE)	8.74
IPCA ANO	IPCA - Variacao Ano (IBGE)	4.96
IPCAMES	IPCA - Mes (IBGE)	0.52
IGPM 12	IGP-M Variacao 12 Meses (FGV)	11.63
IGPM ANO	IGP-M Variacao Ano (FGV)	6.09
IGPM MES	IGP-M Mes (FGV)	0.18
IGPDI 12	IGP-DI Variacao 12 Meses (FGV)	11.23
IGPDIANO	IGP-DI Variacao Ano (FGV)	5.61
IGPDI MES	IGP-DI Mes (FGV)	0.39
CDI OVER	CDI Over - Cetip	1.101689
POUP DIA	Poupanca do Dia: 11/08/2016	0.69500
TJLP ANO	Taxa de Juros Longo Prazo Ano	7.50
DPC TXT	DPC TXT	1.90
KGI TXT	Capital de Giro	2.41
SELICMETA	Taxa Selic Ano	14.25
SELIC OVER	Taxa Selic Ano	1.103150
TR DIA	Taxa Selic Ano	0.2148
TX CQ ESPC PF	Tx CQ Especial % Ano PF	315.7
TX CRED PESSOAL	Tx Cred Pessoal % Ano	53.0
TX FIN AUTOS PF	Tx Finan Bcos PF % Ano (BACEN)	26.0

Indicadores	Abr	Mai	Jun	Jul
Poupança (1)(%)	0,6311	0,6541	0,7053	0,6629
TR* (1)(%)	0,1304	0,1533	0,2043	0,1621
TJLP (% ao ano)	7,50	7,50	7,50	7,50
Sal.Mínimo(R\$)	880,00	880,00	880,00	880,00
Sal.Mínimo SP(R\$)	905,00	905,00	905,00	905,00
D.F. **Selic(2)(%)	1,06	1,11	1,16	1,11
UPC***(R\$)	23,05	23,05	23,05	23,16

\*TR- Taxa referencial; \*\*Débitos Federais, \*\*\*Unidade Padrão de Capital; (1)Taxa do dia 1º ;(2) Juro pela taxa Selic p/ pagto de débitos federais em atraso; no mês do pagto, a taxa é de 1%.

## COMMODITIES

Ouro	US\$ 1.344,35
Prata	US\$ 20,02
Paládio	US\$ 687,50
Platina	US\$ 1.148,50
Petróleo WTI	+1,07% US\$ 95,25
Petróleo Brent	-1,40% US\$ 41,55

## TABELAS DE INCIDÊNCIA MENSAL

A partir do mês de abril do ano-calendário de 2015:

Base de cálculo (R\$)	Alíquota (%)	Parcela a deduzir do IRPF (R\$)
Até 1.903,98	-	-
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

## INSS

### SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO

### ALÍQUOTA

*Salário Mínimo RJ	729,58
Salário Mínimo	880,00
Base Mensal 1499,16 a 2246,75 - Alqt (7,5)	134,08
Base Mensal 2246,76 a 2995,70 - Alqt (15)	335,03
Base Mensal 2995,71 a 3743,19 - Alqt (22,5)	602,96
Base Mensal Acima de 3.743,19 - Alqt (27,5)	826,15
Tab Contrib ate 1106,90	8,00
Tab Contrib 1106,91 a 1844,83	9,00
Tab Contrib 1844,84 a 3689,66	11,00

Fonte: Bacen; Folha; Valor econômico; Estadão